

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE LETRAS

DANYLLO ARAÚJO AGUIAR

**DA TELA ÀS PRATELEIRAS: *ROQUE SANTEIRO* E A COLEÇÃO NOVELAS DA
REDE GLOBO**

Pires do Rio
2016

FERNANDA KELLI PEREIRA SILVA

DA TELA ÀS PRATELEIRAS: *ROQUE SANTEIRO* E A COLEÇÃO NOVELAS DA REDE GLOBO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus de Pires do Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas.

Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Gomes Franca

Pires do Rio
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE TC

ATA Nº 010/2016

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE
CURSO DO ALUNO DANYLLO ARAÚJO AGUIAR**

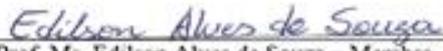
Aos quatorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, a partir das vinte horas, nas dependências do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, realizou-se a sessão pública de Defesa da Monografia intitulada: **Da tela às prateleiras: Roque Santeiro e a Coleção Novelas da Rede Globo**. Os trabalhos foram instalados pela Professora Orientadora Doutora Vanessa Gomes Franca (Letras/UEG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Márcia Maria de Melo Araújo (Letras/UEG) e Professor Mestre Edilson Alves de Souza (Letras/UEG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento da Monografia, tendo sido o candidato Danyllo Araujo Aguiar, pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Vanessa Gomes Franca, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras, aos quatorze dias do mês de dezembro de dois mil e dezesseis.



Prof. Dra. Vanessa Gomes Franca – Presidente



Prof. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo – Membro



Prof. Ms. Edilson Alves de Souza – Membro

Visto

Prof. Dra. Vanessa Gomes Franca

Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras da UEG – Câmpus Pires do Rio

*A uma pessoa muito especial em minha vida, minha mãe,
que me impulsionou para a conclusão desse curso.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por todas as conquistas ao longo da minha vida e, ainda mais, nesses nos de universitário.

Também agradeço aos meus pais, Wander e Marilda, que sempre acreditaram em mim. A minha avó, Dona Mariquinha, que admira a minha profissão.

De um modo especial, agradeço o meu avô Neca, que, hoje, não faz parte desse mundo, mas, de algum lugar distante, aplaude a minha vitória.

A todos os professores do curso que desempenham com dedicação as aulas ministradas e foram essenciais na minha vida acadêmica.

A minha orientadora, a profa. Dra. Vanessa Gomes Franca, pela paciência na orientação, incentivo e dedicação, favoráveis à conclusão desta monografia.

Aos membros da banca a profa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo e prof. Ms. Edilson Alves de Souza, pela leitura, certamente, cuidadosa do meu trabalho.

A todos que, de alguma forma, participaram desta jornada muito especial.

Enfim, a vocês, o meu eterno agradecimento!

Assim é a vida...
Daqui a pouco, a página vira, o cenário muda
Novos ventos, nova brisa, novos ares, novos mares...
Autor desconhecido

AGUIAR; Danyllo Araújo. *Da tela às prateleiras: Roque Santeiro e a Coleção Novelas da Rede Globo*. 2016. 41 f. Monografia (Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas). Curso de Letras, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2016.

RESUMO

O propósito investigativo da pesquisa que ora apresentamos centra-se no levantamento, bem como na reflexão e no comentário de algumas adaptações de obras literárias para a televisão brasileira e de obras televisivas para o texto literário, enfocando-se o gênero telenovela. Esta é um dos gêneros televisivos mais representativos e presentes no dia-a-dia do brasileiro. Diversas são as telenovelas que nasceram a partir de obras literárias, tais como: *A escrava Isaura*, *Éramos seis*, *Helena*, *Senhora*, *Ciranda de pedra*, *A Moreninha*. Das páginas do livro, nas quais predominam a escrita, para a tela, em que há uma simbiose entre imagem e som, ou vice-versa, ocorrem variados processos denominados por estudiosos como adaptação (STAM, 2003), tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1985), palimpsesto televisivo (GENETTE, 2006), transposição criativa ou recriação (CAMPOS, 2004). Estruturamos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, traçaremos um breve percurso histórico sobre a telenovela brasileira. No segundo, ponderaremos a respeito de adaptação e de remakes de telenovelas. No terceiro, apresentaremos algumas narrativas televisivas que foram adaptadas para o texto literário. Para desenvolver nossa pesquisa, de cunho bibliográfico, utilizaremos como referencial teórico o trabalho dos seguintes autores: Balogh (2002), Balogh e Mongioli (2009), Barbosa (2009), Barros (2007), Campos (2004), Figueiredo (2005), Franca e Diniz (2009), Genette (2006), Jakobson (1985), Mayer (2010), Pellegrini (1999), Pereira Junior (2009), Pinheiro (2012), Reimão (2004), Stam (2003).

Palavras-chave: Telenovela. Adaptação. Livro. Coleção Novelas. Globo.

AGUIAR; Danyllo Araújo. *Da tela às prateleiras: Roque Santeiro e a Coleção Novelas da Rede Globo*. 2016. 41 f. Monografia (Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas). Curso de Letras, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2016.

ABSTRACT

The investigative purpose of the research that we present here is focused on the survey, as well as on the reflection and commentary of some adaptations of literary works for Brazilian television and television works for the literary text, focusing on the telenovela genre. This is one of the most representative television genres and present in the day-to-day life of the Brazilian. There are several telenovelas that were born from literary works, such as: *A escrava Isaura*, *Éramos seis*, *Helena*, *Senhora*, *Ciranda de pedra*, *A Moreninha*.. From the pages of the book, in which writing predominates, to the screen, in which there is a symbiosis between image and sound, or vice versa, there are various processes called by adaptation (STAM, 2003), intersemiotic translation (JAKOBSON 1985), Television palimpsest (GENETTE, 2006), creative transposition or re-creation (CAMPOS, 2004). We have structured our work into three chapters. In the first, we will draw a brief history about the Brazilian telenovela. In the second, we will consider adaptations and remakes of soap operas. In the third, we will present some television narratives that have been adapted for the literary text. In order to develop our bibliographical research, we will use as theoretical reference the work of the following authors: Balogh (2002), Balogh e Mongioli (2009), Barbosa (2009), Barros (2007), Campos (2004), Figueiredo (2005), Franca e Diniz (2009), Genette (2006), Jakobson (1985), Mayer (2010), Pellegrini (1999), Pereira Junior (2009), Pinheiro (2012), Reimão (2004), Stam (2003).

Key-words: Television. Adaptation. Book. Coleção Novelas. Globo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Chamada “A seguir cenas do próximo capítulo”	11
Figura 2	Abertura da novela <i>Sua vida me pertence</i>	
Figura 3	Cena da novela <i>Alma Cigana</i>	14
Figura 4	Reginaldo Farai e Leila Diniz em <i>Ilusões perdidas</i>	13
Figura 5	Capas de obras literárias transformadas e livros	19
Figura 6	Abertura da novela <i>A Moreninha</i>	22
Figura 7	Livro <i>Grande Sertão: veredas</i>	24
Figura 8	Minissérie <i>Grande Sertão: veredas</i>	24
Figura 9	<i>A escrava Isaura</i> , Rede Globo	24
Figura 10	Remake de <i>A escrava Isaura</i> , Rede Record	24
Figura 11	Imagem da novela <i>Roque Santeiro</i>	28
Figura 12	Capa do livro <i>Selva de Pedra</i>	30
Figura 13	Capa do DVD <i>Selva de Pedra</i>	31
Figura 14	Pasta da novela <i>Selva de Pedra</i> na Censura	32
Figura 15	Ofício da Rede Globo à censura	32
Figura 16	Personagens da novela <i>Selva de Pedra</i>	32
Figura 17	Capa do livro <i>O bem-amado</i>	33
Figura 18	Capa do livro <i>Pecado Capital</i>	34
Figura 19	Capa do livro <i>Vale Tudo</i>	35
Figura 20	Capa do livro <i>Roque Santeiro</i>	36

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	E A SEGUIR, CENAS DO PRÓXIMO CAPÍTULO: A TELENOVELA NO BRASIL.....	11
1.1	História da telenovela brasileira: TV Tupi e TV Excelsior.....	12
1.2	Novos rumos na televisão e na telenovela brasileira.....	15
2	ADAPTAÇÕES DE OBRAS LITERÁRIAS: TELENOVELAS E MINISSÉRIES.....	19
2.1	Sobre adaptação e remake.....	20
2.2	Adaptações e remakes de obras literárias.....	22
3	<i>ROQUE SANTEIRO</i> E A COLEÇÃO NOVELAS DA REDE GLOBO....	28
3.1	A Coleção Novelas da Rede Globo.....	29
3.2	<i>Roque Santeiro</i>.....	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

As telenovelas fizeram e fazem parte do cotidiano de milhares e milhares de pessoas no Brasil e no mundo. Tornou-se um hábito reservar, nas atividades diárias, um espaço de tempo (considerável) para se deliciar com as tramas de um vilão ou se apaixonar com o quase irrealizável amor de um casal, em frente a uma televisão. É diante de uma tevê e por meio dela que entramos em contato com uma tendência natural do homem: contar de ouvir histórias (SADEK, 2008 apud RESENDE, 2008, f. 9).

A vida é feita de narrativas e acontecimentos que estão, direta ou indiretamente (ou mesmo de nenhum modo) ligados a nós. Assim sendo, é importante perceber como nos entretemos ao ouvir ou contar algo sobre essas histórias. As novelas, em substância, são constituídas de histórias que coincidem, naturalmente, com a vida dos telespectadores. Por isso, quem assiste se sente atraído e emocionado, ao mesmo tempo, que se diverte com as intrigas representadas.

Na contemporaneidade, observa-se que a telenovela abandonou seu *status* de ser exclusivamente um entretenimento e, por meio de um conteúdo “ficcional”, passou a servir para seus telespectadores como um veículo de comunicação das várias formas de sociabilidade, das tramas da vida humana e, como se observa nos últimos anos, de debates acerca dos estados da cultura e dos costumes.

A telenovela tornou-se, em outras palavras, uma voz indispensável e evidente dentro da sociedade. Os valores, as críticas, as ideologias, os posicionamentos políticos representados na teledramaturgia não são um evento desconsiderado, uma vez que influi nos comportamentos e, até mesmo, contingencia as maneiras como os indivíduos estabelecem suas relações consigo mesmo, como outros e, de uma forma geral, com o mundo. Conforme Carlos Alberto Resende (2008, f. 9), “[a] telenovela é capaz de interferir sobre comportamentos, valores, hábitos e até mesmo a linguagem do telespectador.”

Entretanto, diante da atual influência, perguntamo-nos: como ela surgiu? O que a caracteriza enquanto forma de linguagem? Qual o percurso que fez até chegar no estado em que a conhecemos hoje? Tendo isso em vista, no primeiro capítulo desse trabalho, realizamos uma breve discussão e apresentação da telenovela enquanto gênero. No segundo, discorremos sobre adaptação de novelas e minisséries, a partir de obras literárias. No terceiro, comentamos a respeito da Coleção Novelas da Rede Globo, que consiste em obras televisivas adaptadas para obras literárias, enfocando a novela Roque Santeiro.

1 A SEGUIR, CENAS DO PRÓXIMO CAPÍTULO: A TELENOVELA NO BRASIL

Fig. 1 – Chamada “A seguir cenas do próximo capítulo”.



Fonte: https://www.dailymotion.com/video/x3y017z_a-seguir-cenas-do-proximo-capitulo-a-gata-comeu_tv

Neste capítulo, fazemos, inicialmente, um breve histórico da telenovela brasileira, destacando a importância da TV Tupi e da TV Excelsior para a consolidação da televisão e da telenovela no Brasil. Em seguida, discorreremos a respeito dos novos rumos da televisão, a partir da criação da Rede Globo e do SBT.

1.1 História da telenovela brasileira: TV Tupi e TV Excelsior

Um dos primeiros passos para que existisse a telenovela foi o rádio. No Brasil, o rádio só foi ao ar em meados de 1922, mas, com muitas dificuldades de popularização, visto que nem todos tinham acesso ao aparelho de rádio. Porém, uma vez estabelecido, passou a incluir em sua programação um série de radiodramatizações, que consistiam de radiofonização da dramatização de textos literários ou de apresentações teatrais.

Daí nasceram, entre o fim da década de 1930 e início da década de 1940, os “radiatros” que, com uma apresentação semanal de caráter folhetinesco, começou a ganhar público. Com a disseminação da radiodramatização no cotidiano da parcela da sociedade (que detinha condições para adquirir um rádio), percebe-se a busca de aprimoramento não só dos recursos tecnológicos radiofônicos e das produções transmitidas, mas, principalmente, nos roteiros e na sonoplastia. Com isso, as representações do radioteatrais ganharam sustentabilidade e uma linearidade que provocou a possibilidade de uma extensão maior, originando, assim, as radionovelas.

Dependente, ainda, de adaptações de obras estrangeiras, o gênero radionovela em terras brasileiras, em 1951, conheceu um dos seus maiores sucessos com *O Direito de Nascer*, de Félix Caignet. A trama foi transmitida pela prestigiada Rádio Nacional e seus capítulos resistiram três anos de programação periódica no radioteatro e, posteriormente, diante dessa notoriedade já em rádio, ganha versões na televisão.

Com a inserção da TV no Brasil, no início dos anos de 1950, o radioteatro ganha uma concorrência. É importante ressaltar que essa “competição” precisa ser vista considerando os recursos escassos de ambos meios de comunicação e o público ouvinte reduzido, pelo fato de que nem todas as pessoas tinham um aparelho de rádio ou de televisão. Porém, foi com a migração das atividades radiofônicas para as audiovisuais que a radionovela perdeu seu público para os teleteatros. O teatro radiofonizado passou a ser televisionado.

Na história da telenovela, um dos pontos de passagem mais decisivos foram as atividades teatrais. O teatro, naturalmente, impõe aos autores um ritmo de ensaio e uma tensão por não permitir “erros”, pois acontece ao vivo, diante dos espectadores. Não obstante a isso, com o desenvolvimento das técnicas audiovisuais o teatro passou a ser filmado e, com impossibilidade de gravação, era transmitido ao vivo para os, agora, telespectadores. Nascia, assim, o teatro televisivo, conhecido como teleteatros, e, com eles, também nasceram os Programas de Teleteatro, que consolidava a periodicidade, que vai ser uma característica muito forte da (futura) telenovela.

Com nascimento da tevê brasileira, pouco tempo depois, surgem também os canais, como a TV Tupi, em São Paulo. A TV Tupi, pioneiramente, começou a traçar um caminho, diante desse novo recuso comunicativo que era a TV, que a levaria a um importante papel na consolidação da televisão no Brasil e, principalmente, na consolidação da influência que as programações televisivas teriam sobre a sociedade.

Nesse processo de ampliação desse alcance social, a telenovela teve participação especial. No caso da TV Tupi, a primeira produção telenovelesca foi *Sua vida me pertence* (Fig. 2), já em 1951, na qual contracenou o par romântico Vida Alves e Walter Foster, que protagonizaram na ocasião dessa novela o primeiro beijo na boca da TV no Brasil. O episódio foi, perante o ambiente da sociedade dos anos 50 do século XX, um escândalo. Apesar de inovações, percebia-se uma forte influência das características teatrais e também das produções radiofônicas.

Fig. 2 – Abertura da novela *Sua vida me pertence*



Fonte: <http://grandesaberturas.blogspot.com.br/>

A década seguinte, 1960, trouxe novos tempos para a teledramaturgia. Um conjunto de acontecimentos mudaram o panorama, até então, sustentado pela herança teatral. A medida em que novas técnicas e tecnologias foram sendo desenvolvidas, as possibilidades da teledramaturgia foram ampliadas e novas características foram sendo assumidas, de sorte que os parâmetros emergentes acrescentavam, modificavam ou subtraíam instrumentos para a realização das novelas. Dentre eles está a invenção dos *videotapes*, que possibilitaram a gravação das dramatizações. As gravações provocaram uma revolução no processo de preparação e realização das novelas, principalmente, no que diz respeito ao enriquecimento dos recursos de cenário e de encenações e à alteração da rotina dos atores e atrizes que se empenhavam nos ensaios.

Além disso, as telenovelas, abandonando a roupagem periódica dos episódios, em que transmitia 2-3 capítulos por semana, passaram a ser diárias. A TV Excelsior, fundada no ano de 1960, apresentou aos telespectadores a primeira novela diária, a *2-5499 Ocupado*, que durou de julho a setembro de 1963. Foi a partir dela que nasceu um dos casais mais emblemáticos da tevê brasileira: Tarcísio Meira e Glória Menezes. Na esteira da TV Excelsior, a TV Tupi, seguindo os passos da programação diária de novelas, também realizou sua primeira telenovela diária, a *Alma Cigana*, adaptada, em 1964, por Ivani Ribeiro, uma das maiores escritoras de telenovelas do Brasil.

Fig. 3. Cena da novela *Alma Cigana*



Fonte: <http://www.teledramaturgia.com.br/alma-cigana/>

Além dos instrumentos televisivos, um elemento que tão ganhou outros espaços foi o tema. Com passar dos anos, com adesão paulatina dos telespectadores, observamos que temática, que antes era pautada nos grandes clássicos literários nacionais e internacionais, atingiu âmbitos mais populares e, por isso, mais próximos das pessoas que assistiam.

Nessa direção, em 1964, Ivani Ribeiro, uma das maiores escritoras de telenovelas do Brasil, adapta de um texto argentino *A Moça Que Veio de Longe* para a TV Excelsior e um cubano *Alma Cigana*, para a Tupi. Um dos grandes sucessos da tevê foi *O Direito de Nascer*, uma novela adaptada para a Tupi por Teixeira Filho e Talma de Oliveira, a partir do original cubano, do autor Félix Caignet. Ivani Ribeiro, além de outros trabalhos de telenovela, escreveu *A Deusa Vencida*, desta vez para a Excelsior. Esses e outros autores, como tendências multifacetadas, rompendo tabus ou sofrendo censuras, contribuíram para a cristalização do sistema diário da telenovela e, mais que isso, aos moldes do folhetim atraíam cada vez um público maior.

Associados a esses acontecimentos, vemos a crescente valorização financeira dos profissionais da teledramaturgia, especialmente, diante do novo âmbito de “competitividade” entre os canais de TV. Nos procedimentos de preparação das telenovelas, apesar de se manter contínuo o processo de adaptação de radionovelas e telenovelas de mexicanos, cubanos, e também da literatura nacional e internacional, percebe-se a ampliação dos investimentos na qualidade de produção no cenário, na arte e na imagem das gravações.

1.2 Novos rumos na televisão e na telenovela brasileira

No final da década de 1960, somado aos fatos já apresentados, temos o surgimento de uma linguagem mais descontraída e caracterizada pela presença coloquialismos. Assumindo a ponteira dessa inovação linguística no campo televisivo, a TV Tupi, apresenta ao seu público a novela *Antônio Maria*. Porém, foi por meio de *Beto Rockfeller* – que, posteriormente, ganhou uma continuação *A Volta de Beto Rockfeller* – que a mudança do formalismo linguístico (teatral) para o informalidade mais próxima da urbanidade se consolidou.

E é ante tal contexto que, 1965, entra em cena a Rede Globo, que, em pouco tempo, começa a produzir trabalhos televisivos com qualidade semelhante às emissoras que já estavam no mercado, conseguindo conquistar vários espaços de transmissão ao passo que se fortalecia e se expandia. Nesse ano, a Rede Globo transmite sua primeira telenovela *Ilusões perdidas*, escrita por Enia Petri e dirigida por Líbero Miguel e Sérgio Britto. Do elenco, fazem parte os atores Reginaldo Faria e

Fig. 4 – Reginaldo Faria e Leila Diniz em *Ilusões perdidas*,



Fonte: <http://zappiando.com/tags/dias-gomes/>

O sinal de progresso foi “respondido” com telenovelas de sucesso na TV Excelsior, que no período que vai de 1968 a 1970, produziu *Sangue do Meu Sangue*, de Vicente Sesso, *A Muralha*, um romance de Dinah Silveira de Queiróz adaptado por Ivani Ribeiro e *A Pequena Órfã*, de Teixeira Filho. No mesmo período, entre 1968 e 1969, com a supervisão de Glória Magadan e colaboração de Janete Clair, a Globo produziu *Passo dos Ventos* e *Rosa Rebelde*, *Véu de Noiva*.

A década de 70 do século XX, é conhecida pelo fortalecimento 1970 da telenovela na programação da TV brasileira. Contraditoriamente, é também, em 1970, que a TV Tupi fecha e muitos dos autores e atores que a ela pertenciam acabaram migrando para as demais emissoras, como a Globo e a Excelsior. Cassiano Gabus Mendes, saindo da TV Tupi e entrando na Globo, produz e estreia com *Locomotivas* (1977) e *Anjo Mau* (1976). Foi no início dessa década que Glória Magadan sai da Globo, a emissora para a trabalhar com um tipo de novela que representasse melhor a população brasileira e problemáticas mais contemporâneas, como: a situação política e a separação entre familiares com *Escalada* (1975); a eutanásia em *Os gigantes* (1979); a novela como tema da novela em *Espelho mágico* (1977).

A década de 1970 foi um período de grandes inovações temáticas e de consolidação do gênero no Brasil. Nesse mesmo período, é que nasce, em 1975, um dos maiores sucessos da TV brasileira, *Gabriela*, romance de Jorge Amado adaptado por Walter George Durst, com estardora de uma moça totalmente irreverente para a época. Também *Nina* (1977) uma professora revolucionária e como um comportamento nada convencional. Em 1977, teremos *Sem lenço e sem documento*, escrito por Mário Prata. No ano seguinte, 1978, temos a bem-

sucedida novela de Gilberto Braga, *Dancin Days*. Ainda nos anos 70, a telenovela brasileira conhecer, por meio da Globo, os sucessos de Janete Clair: *Véu de Noiva*, *Irmãos Coragem*, *Selva de Pedra*, *Pecado Capital* e *O Astro* e do seu marido, Dias Gomes: *O Bem Amado*. No encerramento dessa década de revolução, percebeu-se a quantidade variada de tendências e quanto o público brasileiro tomava gosto em assistir essas telenovelas.

Na década de 80, vemos o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) ganhar um espaço considerável, porém sem nenhum trabalho telenovelístico com boa repercussão, mesmo com as exportações da TV mexicana. Já nos anos 90, com um pouco mais de expressividade, veremos *As pupilas do senhor reitor* (1994), *Éramos Seis* (1994) e *Sangue do meu sangue* (1995). Na esteira do SBT, em 1981, a Rede Manchete é inaugurada e, no que diz respeito a telenovelas, inicialmente, recorreu as produções mexicanas. *Dona Beija* (1986) e *Kananga do Japão* (1989), ambas de Wilson Aguiar Filho, estão entre as produções nacionais mais bem-sucedidas da Manchete. Posteriormente a essas, a manchete chamou a atenção com *Pantanal* (1990) e *Xica da Silva* (1996), de Walcyr Carrasco.

O que se observa, com o passar das décadas, é o aumento progressivo do público telespectador que se tornou uma espécie de termômetro da boa repercussão das produções. As emissoras corresponderam com produção cada vez mais ricas e requintadas. Mesmo com esse *status*, ainda era comum no gênero a recorrência em as formas de expressão tais como a teatro e a literatura. Muitos os escritores tiveram suas obras adaptadas.

Os anos de 1980 foram os anos de consolidação da liderança da TV Globo. Foi também o período em que escritores como Silvio de Abreu, Gilberto Braga, Glória Perez, Manoel Carlos, Aguinaldo Silva, Benedito Ruy Barbosa, Carlos Lombardi, Cassiano Gabus Mendes se tornaram o novo grupo de autores das novelas da rede Globo e contribuíram para que sucesso dos anos 70 tivessem continuidade não só nos anos que se seguiam, mas, sobretudo, no novo século que estava por vir. Com esse novo grupo, de tendências e estilos variados, a rede emissoras Globo ditou o que se é fazer novela não só no Brasil, mas no mundo. Assim, sendo as suas produções falam por si mesmas.

Em 1988, temos a bem sucedida *Vale tudo*, de Gilberto Braga. Com uma nova forma de tratar o drama social, aliando-o à comédia, Silvio de Abreu escreve *Vereda Tropical* (1984), *Cambalacho* (1986), *Deus nos acuda* (1992), *Rainha da Sucata*, *A próxima Vítima* (1995), *Torre de Babel* (1998). Em 1997, temos a inesquecível produção de Manoel Carlos *Por amor* e, depois, emblemática adaptação da obra de Clarice Lispector, *Laços de Família* (2000).

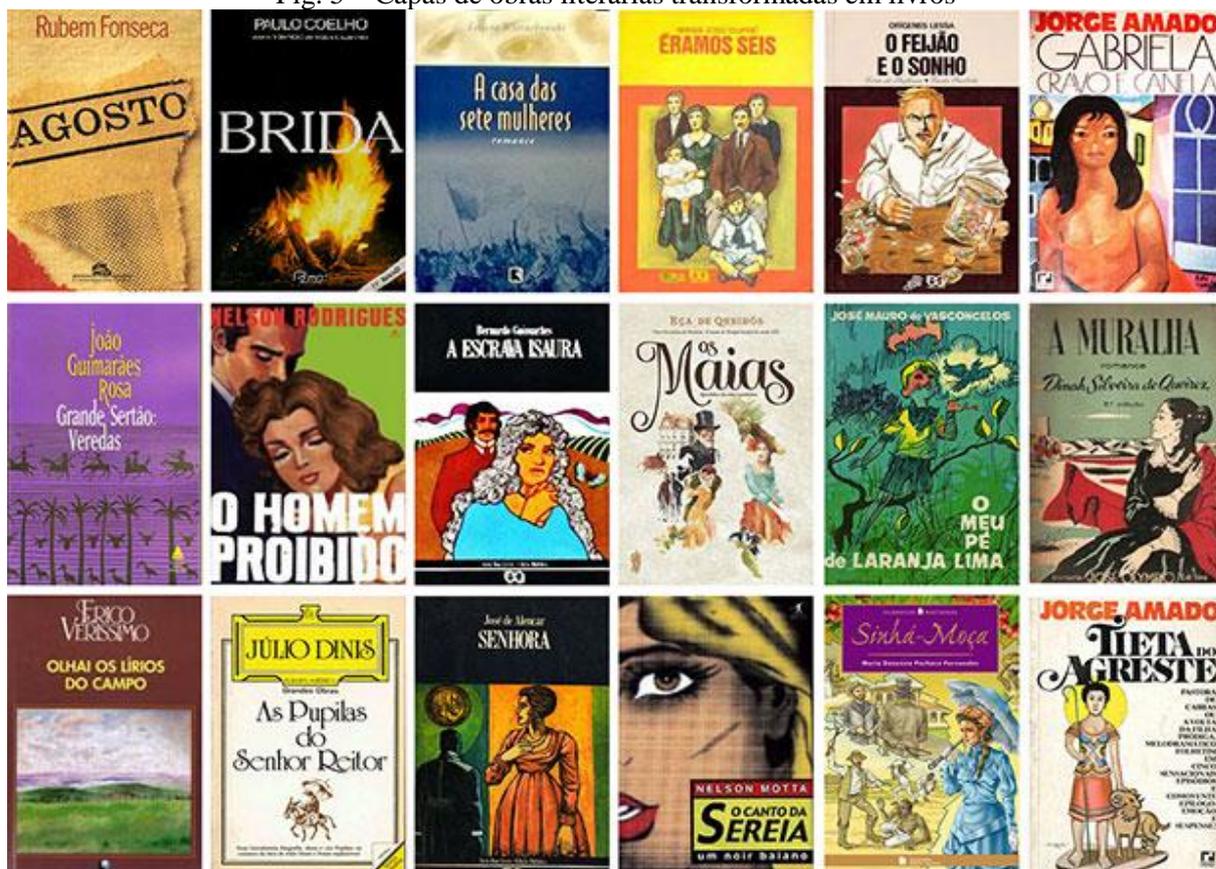
Gloria Perez, com temáticas que enfatizam um forte engajamento social, como a clonagem, imigração, crianças desaparecidas, etc, suscitou um apelo a discussão dos assuntos e levantou polêmicas diante dos posicionamento assumidos na telenovela. Vemos nessa autora de telenovelas uma forma consagrada de envolvimento do texto novelesco como os problemas e questões sociais, por meio de *De corpo e alma* (1992), *Explode coração* (1995), *Barriga de aluguel* (1990), *O clone* (2001), *América* (2005), *Caminho das índias* (2009), *Salve Jorge* (2012). Na mesma direção, porém com um tom mais comedido, temos Aguinaldo Silva, que escreveu *Tieta* (1989), *A indomada* (1997) e, também *Senhora do destino* (2004). Benedito Ryu Barbosa, pertencendo a esse grupo de autores escreveu sucessos como *Renascer* (1993), *Rei do gado* (1996), *Terra nostra* (1999), *Esperança* (2002), *Meu pedacinho de chão* (2014) e *Velho chico* (2016).

O SBT, com as produções *Carrossel* (2012), *Chiquititas* (2013) e *Cúmplices de um resgate* (2015) conquistou um público infanto-juvenil considerável e tem, nos últimos anos, investido em produções que atingem esse público, de uma maneira especial.

Ao final de um brevíssimo panorama descritivo da história da telenovela, verificamos que ela cresceu junto com a TV brasileira e, talvez, explique o porquê de ela ser, depois de mais de 6 décadas, um das atividades diárias preferidas da nação. Com inovações tecnológicas do século XXI, acreditamos que não abandonará as adaptações literárias ou mesmo seu fundamento no teleteatro, mas ampliará seu campo de atuação com o surgimento de novas mídias, da mesma forma de quando surgiu o *videotape*.

2 ADAPTAÇÕES DE OBRAS LITERÁRIAS: TELENOVELAS E MINISSÉRIES

Fig. 5 – Capas de obras literárias transformadas em livros



Fonte: <http://maisquemeracoidencia.blogspot.com.br/2015/01/novelas-inspiradas-em-obras-literarias.html>

Neste segundo capítulo, abordamos os conceitos de tradução intersemiótica, transposição criativa ou recriação, reescritura, palimpsesto televisivo, adaptação e *remake*. Além disso, apontamos algumas novelas e minisséries que foram adaptadas de obras literárias, por fim, discorreremos a respeito da Coleção Novelas da Rede Globo, que consiste em obras televisivas que foram adaptadas para o livro.

2. 1 Sobre adaptação e remake

Das páginas do livro, nas quais predominam a escrita, para a tela, em que há uma simbiose entre imagem e som, ocorrem variados processos denominados por estudiosos como tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1985), transposição criativa ou recriação (CAMPOS, 2004), reescritura (LEFEVERE, 1992), palimpsesto televisivo (GENETTE, 2006) e, mais comumente, adaptação (STAM, 2003).

A tradução intersemiótica é definida por Randal Johnson (1982, p. 6) como o processo em que há a “[...] interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais”, no caso do nosso trabalho, da narrativa literária para a narrativa televisiva ou da televisiva para a literária. No processo tradutório, as diferenças entre as linguagens que compõem os meios que veiculam os textos devem ser levadas em consideração. No caso do texto literário, o escritor “[...] tem a seu dispor a linguagem verbal, com sua riqueza metafórica e figurativa; e no cinema, o cineasta tem que lidar com a imagem visual, a linguagem verbal oral (diálogos), sons não verbais (efeitos sonoros), música e a própria escrita, presente em créditos e títulos” (SOUZA, 2014, p. 14).

Haroldo de Campos (2004) chama de transposição criativa ou recriação a tradução de uma obra verbal, a obra literária, para uma obra não verbal, o cinema, a televisão, por exemplo. O pesquisador denomina tal tipo de tradução como recriação, pois além de se procurar traduzir o significado, o signo também sofre modificações. Apesar de a recriação ser uma nova informação estética, autônoma, estará ligada a obra fonte “[...] por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema” (CAMPOS, 2004, p. 34).

Para André Lefevere (1985, 1992a, 1992b apud FRANCA, 2007) o valor de uma obra literária não assegura sua sobrevivência. Assim, a qualidade estética de um texto não é suficiente para que ele seja reconhecido, divulgado. Para tal, “[...] é preciso que a crítica o

reconheça como excelente, que seja mencionado em histórias literárias, que seja traduzido em outros idiomas, para que possa ocupar um lugar no cânone literário” (LEFEVERE, 1992a, apud FRANCA, 2007, p. 17). Nesse processo, são indispensáveis as reescrituras, ou seja, as traduções, as adaptações cinematográficas e teatrais, as histórias literárias, as antologias, os ensaios críticos. A respeito desse assunto, o pesquisador ainda salienta que as “[...] escrituras que não são reescritas, de uma forma ou de outra, tendem a desaparecer sem deixar vestígios” (LEFEVERE, 1992a, p. 138 apud FRANCA, 2007, p. 17).

Ressaltamos, assim, a importância da reescritura televisiva para a sobrevivência de uma obra literária. Consoante destaca Walter Benjamin (2000 apud GOMES, 2009, p. 95), “[...] as obras reproduzidas e as obras concebidas desde a lógica da reprodutibilidade técnica chegam a lugares e a pessoas que as obras únicas e os meios de comunicação anteriores não alcançam ou mesmo que o livro e o jornal impresso ainda não atingem”, o que faz com que um público maior tenha contato com diversas obras.

As reescrituras, então, seriam uma espécie de palimpsesto genettiano. Gerard Genette, em seu livro *Palimpsestes*, esclarece que o palimpsesto é um pergaminho do qual a inscrição foi raspada para que nele fosse inscrita outra, porém, ainda podem ser vistas marcas da escrita anterior. Por essa razão, para o teórico francês, o palimpsesto ocorre quando uma obra é derivada de outra, seja por transformação ou imitação (GENETTE, 1982). Essa relação palimpséstica de um texto com outro, também foi denominada por Genette como literatura de segundo grau, tendo em vista que um temos um texto dentro de outro.

Nessa perspectiva, também podemos incluir em nossa discussão as adaptações, uma vez que é necessário um texto A, para que exista um texto B – no caso do nosso trabalho um livro e uma novela ou o contrário. As adaptações fílmicas e televisas de obras literárias estão cada dia mais em evidencia. No caso das fílmicas, há as adaptações de contos de fadas. No período de 2011 a 2017, foram lançados, por exemplo, os filmes: *A Bela e a Fera* (2017); *Cinderela* (2015); *Malévola* (2014); *Jack: o caçador de gigantes* (2013); *João e Maria: caçadores de bruxas* (2013); *Branca de Neve e o Caçador* (2012); *Espelho, espelho meu* (2012); *A garota da capa vermelha* (2011); *A Fera* (2011).

Além de retomarem os contos de fadas, as narrativas fílmicas, constantemente, adaptam romances, contos. Nesse ano (2016)¹, foram adaptadas as seguintes obras para as telas: *Animais fantásticos e onde habitam*, de J. K. Rowling (sob o pseudônimo de Newt Scamander), com direção de David Yates; *Inferno*, de Dan Brown, direção de Ron Howard; *O Bom Gigante*

¹ Informações obtidas por meio do site: www.adorocinema.com.

Amigo, de Roald Dahi, direção de Steven Spielberg; *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll, direção de James Bobin, dentre outros.

A adaptação, durante muito tempo, foi discutida e analisada sob o signo da fidelidade. Segundo Ribeiro e Franca (2009, p. 190), em “[...] muitos casos, o critério de fidelidade à obra literária foi colocado em primeiro plano, como se as linguagens fílmica e literária, utilizassem os mesmos recursos semiótico-discursivos para a representação de uma obra”. Atualmente, a discussão, a fidelidade não é fator preponderante, o que fez com os adaptadores passassem a ter mais liberdade para adaptar uma obra (XAVIER, 2003).

2.2 Adaptações e remakes de obras literárias

A adaptação de obras literárias para a telenovela pode ser vista já na década de 1960. A Rede Globo, por exemplo, adapta *A Moreninha*, em 1965. De acordo com Juliana Salum Ferreira Silva (2008), nos anos de 1970 é criado o horário das dezoito horas, a fim de exibir “[...] telenovelas baseadas em textos literários, desta vez exclusivamente brasileiros. A partir dos anos 80, as adaptações de obras brasileiras deslocaram-se para as minisséries, exibidas depois das 22h00min para um público diferente daquele que assistia à telenovela”.

Fig.6 – Abertura da novela *A Moreninha*



Fonte: memoriaglobo.com

De acordo ainda com a **pesquisadora**, a recorrência à obras literárias atravessa a história da TV brasileira em adaptações de textos literários realizadas para diversos tipos de programas e público. Duas características marcam estas produções: primeiro, as adaptações

ocorrem em formatos variáveis (teleteatros, telenovelas, minisséries, séries e episódios). Segundo, concentram-se principalmente na telenovela, tipo de programa voltado para o espectro de público mais amplo e heterogêneo que a televisão alcança.

No que diz respeito às adaptações televisivas de obras literárias, Uziel Moreira dos Santos, em sua dissertação *De “Dom Casmurro” à “Capitu”: processo e produto de uma adaptação*, relata que a partir da década de 1990 “[...] até julho de 2013 e excluindo os filmes estendidos que viraram microsséries, a Rede Globo, por exemplo, apresentou, no horário nobre, 48 produções no formato de minisséries e microsséries, das quais 30 são baseadas em livros de ficção e/ou biografias” (SANTOS, 2014, p. 15-16). Ainda consoante o pesquisador, na televisão norte-americana, o índice de adaptações é maior, uma vez que “70% dos filmes feitos para a TV e 95% das minisséries são adaptações” (SANTOS, 2014, p. 16).

Como podemos verificar, o número de adaptações de obras literárias para as telas do cinema e das novelas é grande. No entanto, há ainda aqueles que, ao tratarem a respeito do assunto, querem observá-lo a partir da fidelidade ou não do texto B ao texto A. Além disso, há também aqueles que sempre acham o livro melhor que a novela ou o filme. Estes se esquecem que, como vimos, a narrativa literária e a narrativa televisiva (ou fílmica) possuem linguagem e suportes diferentes. Da obra literária para a televisiva, há diversas modificações para que se apresente o produto audiovisual que o telespectador tem contato, pois

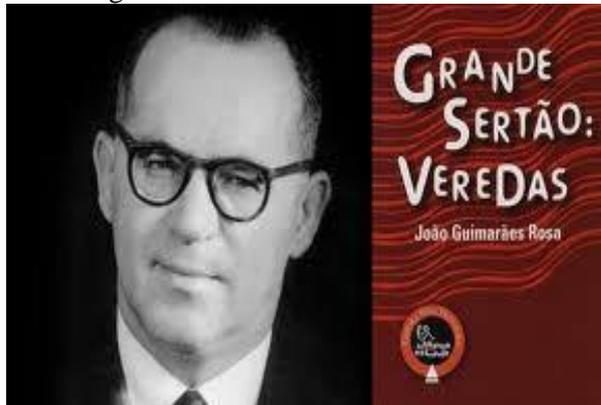
além de precisar atender às especificidades do veículo para o qual está sendo criado, esse novo texto passa ainda por um processo de transposição criativa, de um sistema de signos para outro, de forma que é inevitável que aconteçam atualizações na narrativa durante esse processo, uma vez que são diferentes os recursos que cada meio dispõe para apresentar a obra ao público (p. 42).

A adaptação de obras literárias para a televisão faz, muitas vezes, com que o livro tenha (mais) notoriedade. Em casos de autores já consagrados, vê-se um crescimento na compra de sua obra. No caso de autores “desconhecidos”, estes passam a ser (re)conhecidos, ganhando voz no cenário da literatura. A respeito desse assunto, Paulo Sampaio Xavier de Oliveira, em sua tese intitulada *A televisão como “tradutora”: veredas do grande sertão na Rede Globo*, salienta que a adaptação do livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, para a televisão fez com que um número maior de pessoas tivessem contato com a obra. Além disso, a

A adaptação televisiva de *G S: V* não só tornou esse texto acessível a um outro tipo de público, não letrado e não afeito à leitura de obras literárias, como também renovou o interesse pelo contato direto com o livro, considerado, em levantamento recente, o mais importante romance brasileiro de todos os tempos (cf. *Folha de São Paulo [FSP]*, 03/01/99). Ao passo que as dezessete

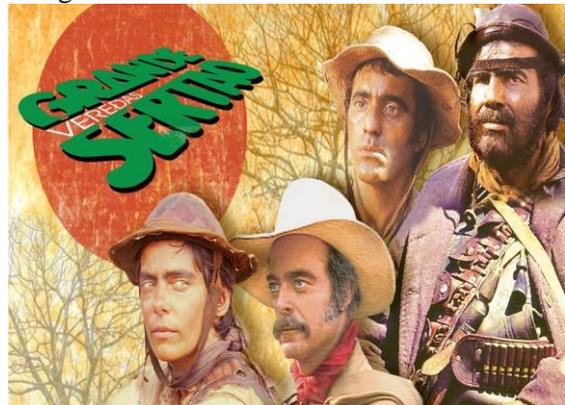
edições do *G S: V* publicadas nos trinta anos de sua existência somavam até então uma tiragem de cento e cinquenta mil livros, a 18ª edição, lançada de forma paralela ao programa da Globo esgotou seus dezoito mil exemplares em poucos meses (cf. *Isto é*, 18/12/85; *Jornal do Brasil [JB]*, 10/11/85; *FSP*, 18/11 e 30/12/85). (OLIVEIRA, 1999, p. 11).

Fig. 7 – Livro Grande Sertão: veredas



Fonte: memoriaglobo.com

Fig. 8 – Minissérie Grande Sertão: veredas



Fonte: memoriaglobo.com

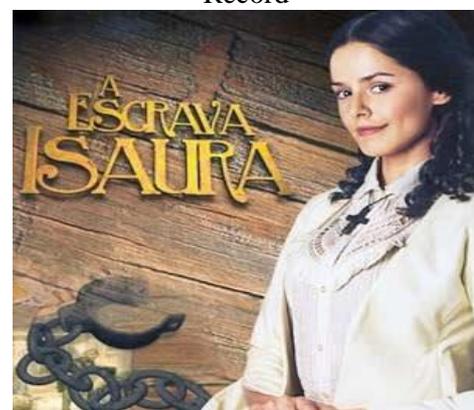
Dentre os processos criativos que envolvem a telenovela e obra literária, podemos destacar os *remakes*. Consoante Camara e Gomes (2011, p. 5), o “[...] Remake pode ser definido como a re-produção e re-gravação de uma trama ficcional em outro momento da sociedade, com outro elenco, cenário e recursos tecnológicos utilizados na produção”. Nesse caso podemos citar a novela *A Escrava Isaura*. Produzida, primeiramente, pela Rede Globo, e exibida no período de 11 de outubro de 1976 a 05 de fevereiro de 1977, a novela é uma adaptação da obra homônima de Bernardo Guimarães e fez um enorme sucesso. Posteriormente, no período de 2004 a 2005, a Rede Record exibe um remake da novela.

Fig. 9 – *A escrava Isaura*, Rede Globo



Fonte: <https://dk.pinterest.com/explore/escrava-isaura-1976-925852962116/>

Fig. 10 – Remake de *A escrava Isaura*, Rede Record



Fonte: [http://minhateca.com.br/itribal/A+Escrava+Isaura+\(Fox+Life\)](http://minhateca.com.br/itribal/A+Escrava+Isaura+(Fox+Life))

No processo de adaptação de uma obra literária, o autor/adaptador de telenovelas, podem alguns casos, recorrer somente a obra fonte. Em outros, em alguns casos, ele pode se valer de sua criatividade criando novos personagens, tramas, ou então pode optar por associar personagens e tramas de diferentes obras em uma mesma novela. Eliana Nagamini (2004, p. 202), ao comentar a adaptações de livros para minisséries, afirma que, de “[...] modo geral, esse formato exige do adaptador a criação de episódios que não fazem parte da obra original. Na minissérie *Os Maias*, por exemplo, que é uma adaptação de Maria Adelaide Amaral, do romance do escritor português Eça de Queiroz, “[...] foram acrescentados episódios inspirados nos romances *A relíquia* e *A capital*, do mesmo autor, para compor os 42 capítulos exibidos na TV Globo em 2001” (NAGAMINI, 2004, p. 203).

Outra minissérie baseada em obra literária e que fez muito sucesso é: *A muralha*. Exibida na Rede Globo no ano de 2000, *A muralha* é uma adaptação de Maria Adelaide Amaral do romance de Dinah Silveira de Queiroz. De acordo com a Amaral, o romance de Queiroz “[...] é um ponto de partida e muitas vezes os acréscimos são necessários em se tratando de minissérie (NAGAMINI, 2004, p. 204). Outra adaptação de Amaral que obteve grande reconhecimento é *A casa das sete mulheres*. A minissérie, que é baseada no romance homônimo de Letícia Wierzchowski, foi exibida em 2003 e “[...] ganhou episódios inspirados na História do Brasil, durante a Guerra dos Farrapos, cuja seleção foi feita a partir do grau de dramaticidade que o elemento podia dar à ficção” (NAGAMINI, 2004, p. 204).

A respeito da adaptação, apresentamos uma listagem em acordo com o site tvecinema:

- A primeira obra da literatura a ser adaptada para novela foi o clássico "O Morro dos Ventos Uivantes", escrito por Emily Bronte. A novela foi escrita por Lauro César Muniz em 1967 na extinta TV Excelsior.
- Ainda em 1967, a Rede Bandeirantes inaugurava suas novelas com o clássico do escritor Victor Hugo: "Os Miseráveis". A novela foi escrita por Walter Negrão.
- "Gabriela, Cravo e Canela", escrito por Jorge Amado foi adaptado para a TV em duas ocasiões: a primeira foi em 1975, por Walter George Durst no extinto horário das vinte e duas na Rede Globo e a segunda foi mais recentemente em 2012 no horário das vinte e três, por Walcyr Carrasco. Em ambas as adaptações o título ficou apenas com "Gabriela", sem Cravo e Canela.
- Ainda em 1975 Gilberto Braga, adaptou para a Rede Globo, "Helena", de Machado de Assis. O romance também ganhou uma adaptação feita pela Rede Manchete em 1987, escrita por Mário Prata, Dagomir Marquezi e Reynaldo Moraes.
- A segunda novela das seis escrita por Gilberto Braga foi "Senhora", adaptada do romance homônimo de José de Alencar, também no ano de 1975.

- Mas a adaptação mais famosa de um romance para a TV, foi em 1976, com a novela "Escrava Isaura", fechando a trilogia de romances adaptados por Gilberto Braga, iniciada com "Helena". A novela, baseada na obra homônima de Bernardo Guimarães, "A Escrava Isaura", foi também adaptada pela Rede Record em 2004 pelo autor Tiago Santiago.
- O autor Graça Mello adaptou "A Moreninha", escrito por Joaquim Manuel de Macedo em 1965. Dez anos depois, Marcos Rey adaptou o romance para o horário das dezoito horas.
- A história de Orígenes Lessa, "O Feijão e o Sonho", ganhou adaptação em 1976 pelo autor Benedito Ruy Barbosa, no horário das dezoito.
- Os romances "Til", "O Sertanejo" e "A Viuvinha" serviram de inspiração para Lafayette Galvão escrever a novela "Sinhazinha Flô" no horário das dezoito em 1977/1978.
- "Maria Dusá", escrito por Lindolfo Rocha, inspirou Manoel Carlos a escrever a novela "Maria Maria" em 1978.
- Ainda em 1978, Manoel Carlos escreveu a novela "A Sucessora", adaptação do livro homônimo da escritora Carolina Nabuco.
- A novela "Memórias de Amor", de Wilson Aguiar Filho foi uma adaptação do livro "O Ateneu", de Raul Pompeia.
- O romance "Cabocla", de Ribeiro Couto foi adaptado para a TV por Benedito Ruy Barbosa em 1979 e no remake da novela em 2004.
- O livro "Olhai os Lírios do Campo", obra de Érico Veríssimo, foi adaptado para a TV na novela homônima em 1980, por Geraldo Vietri.
- "Marina, Marina", de Carlos Heitor Cony serviu de inspiração para Wilson Aguiar Filho escrever a novela "Marina" em 1980.
- Também em 1980, o livro de Raquel de Queiroz, "As Três Marias", ganhou adaptação na TV, adaptada por Wilson Rocha.
- Em 1991, "Vamp", "Drácula" (Tupi, 1980) e "Um Homem Muito Especial" (Bandeirantes, 1980) - ambas de Rubens Edwald Filho. As duas novelas eram adaptações de "Drácula", de Bram Stoker.
- O livro "O Meu Pé de Laranja Lima", escrito por José Mauro de Vasconcellos teve três adaptações para a TV. A primeira foi na Rede Tupi em 1970, a segunda na Rede Bandeirantes em 1980 - ambas escritas por Ivani Ribeiro e a terceira, escrita por Ana Maria Moretzsohn também na Rede Bandeirantes em 1999.
- Outro livro que também teve mais de uma adaptação foi "Ciranda de Pedra", de Lygia Fagundes Telles. A primeira adaptação ocorreu em 1981 pelas mãos de Texeira Filho. E a segunda foi escrita por Alcides Nogueira em 2008, ambas na Rede Globo, às dezoito.
- O autor Walter George Durst adaptou "Gabriela, Cravo e Canela" de Jorge Amado, e mais três obras do escritor baiano: "Terras do Sem Fim" (que levou o título da novela), "Cacau" e "São Jorge de Ilhéus". A novela foi ao ar em 1982.
- O Anjo Pornográfico (como Nelson Rodrigues é conhecido), escreveu o romance "O Homem Proibido", e Teixeira Filho fez dele uma novela em 1982. A Censura ficou atenta.
- "Sinhá Moça", sucesso de Maria Dezonne Pacheco Fernandes também foi outra obra que teve duas adaptações para a TV, e ambas feitas por Benedito Ruy Barbosa em 1986 e 2006 pela TV Globo.
- Jorge Amado é um dos autores, cujas obras são as mais adaptadas para a TV e o cinema; outro grande sucesso dele virou novela foi em 1989, "Tieta". A novela era adaptação do livro "Tieta do Agreste", e foi escrita pelo trio: Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares.
- "Éramos Seis", romance de Maria José Dupré ganhou três adaptações para a TV. A primeira foi em 1967, pela Rede Tupi, escrita por Paola Civelli,

a segunda em 1977, também na Tupi e a terceira em 1994 no SBT. As duas últimas adaptações foram escritas por Sílvio de Abreu e Ewald Filho.

- Lauro César Muniz adaptou o livro "As Pupilas do Senhor Reitor" em duas ocasiões: a primeira foi em 1970 na Rede Record e a segunda foi no SBT em 1995. O livro é escrito por Júlio Dinis.
- "Tocaia Grande", também de Jorge Amado, ganhou adaptação pela Rede Manchete em 1995. Quem escreveu a novela foram os autores: Duca Rachid, Mário Teixeira e Marcos Lazarini.
- "Serras Azuis", de Geraldo França de Lima, inspirou Ana Maria Moretzsohn a adaptar o livro para novela em 1998 na Rede Bandeirantes.
- O Mago Paulo Coelho também teve uma obra adaptada para novela. "Brida", foi ao ar em 1998, escrita por Jayme Camargo. Ficou marcada como a última novela da Rede Manchete, que foi extinta.
- "Mar Morto" e "A Descoberta da América Pelos Turcos", mais dois clássicos de Jorge Amado inspiraram Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares a escreverem "Porto dos Milagres" em 2001 adaptação para a Rede Globo.
- O Cravo e a Rosa, Inspirada no texto teatral "A Megera Indomada" de William Shaskepeare, a adaptação de Walcyr Carrasco foi ao ar na Rede Globo entre 2000-2001 e reprisada em 2003 e 2013.
- "Essas Mulheres", novela exibida em 2005 na Record era baseada na junção de 3 obras de José de Alencar: "Senhora", "Diva" e "Lucíola".
- "Poder Paralelo", novela inspirada no livro Honra ou Vendetta de Silvio Lancellotti foi exibida em 2009 na Record.

Como podemos contatar, diversas obras literárias já foram adaptadas para a televisão, no formato novela, minissérie, macrossérie. Além disso, como veremos no próximo tópico, ocorrem as adaptações de novelas para o livro.

3 ROQUE SANTEIRO E A COLEÇÃO NOVELAS DA REDE GLOBO

Fig. 11 – Imagem da novela *Roque Santeiro*



Fonte: memoraglobo.com

Neste terceiro capítulo, falaremos a respeito da Coleção Novelas da Rede Globo. Coleção formada por cinco obras que são adaptações de textos literários: *Selva de Pedra*, *Vale Tudo*, *Pecado Capital*, *Roque Santeiro* e *O Bem-Amado*. Dentre tais obras, selecionamos para comentar a telenovela *Roque Santeiro*, tendo em vista o sucesso alcançado por ele e as inovações realizadas.

3.1 A Coleção Novelas da Rede Globo

Como acontece com diversas narrativas literárias que foram adaptadas em narrativas televisivas, as telenovelas também ganham as páginas dos livros e, conseqüentemente, das prateleiras. Sobre esse assunto, podemos citar a Coleção Novelas. A editora Globo publicou, em 2007, cinco volumes, em livros, de novelas consideradas marcos da história da televisão, principalmente da Rede Globo. Assim, foram lançadas: *Selva de Pedra*, *Vale Tudo*, *Pecado Capital*, *Roque Santeiro* e *O Bem-Amado*, que fazem parte da série Coleção Novelas. Todas as novelas foram adaptadas pelo autor e pesquisador Mauro Alencar, doutor em teledramaturgia brasileira e latino-americana pela USP e autor do livro *A Hollywood brasileira – panorama da telenovela no Brasil*.

Ainda criança, Mauro Alencar, assistindo ao seriado *Perdidos no espaço* e as novelas de Lauro César Muniz, Dias Gomes, Ivani Ribeiro, Janete Clair, dentre outros, percebe seu fascínio pela teleficção. “Aos dez anos, assiste à primeira versão de *Selva de pedra*, um grande sucesso que passa a ser uma eterna marca em suas lembranças. De tão forte que é a sua admiração pelo gênero, acabou transformando o seu amor pela televisão em seu *métier*” (GLOBO, 2007, p. 219).

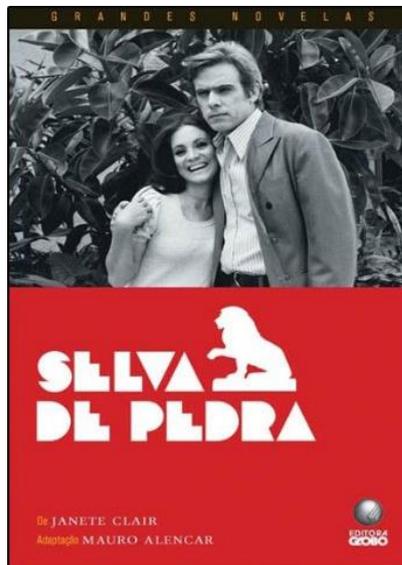
No que diz respeito à adaptação que realizou, o autor e pesquisador comenta que se preocupou com alguns detalhes considerados importantes. Desse modo, ele demonstrou cautela em

extrair o diálogo original de cada novela em momentos chave, pois, afinal, estamos falando de um produto audiovisual transformado em livro; é a literatura dramática adaptada para romance. E era fundamental manter a característica comportamental de cada personagem, pois foram eles e suas tramas que motivaram a produção dos livros como bem demonstram as diversas fotografias de cena que ilustram cada novela em romance (G1, 2016).

Em uma matéria do site G1, intitulada “Coleção de livros recorda tramas de novelas marcantes da Rede Globo”, o autor das adaptações, Mauro Alencar, esclarece a razão de a coleção ter a novela *Selva de Pedra* (Fig. 12) como a primeira a ser publicada:

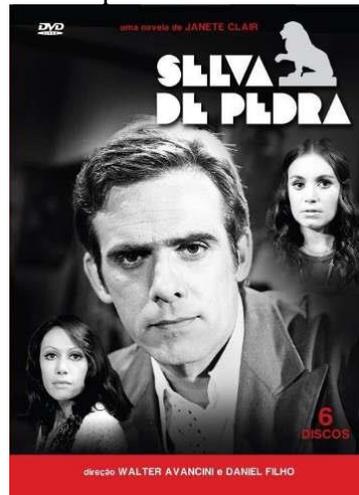
Foi uma escolha minha. A novela, além de sua estrondosa audiência, marca o processo de modernização e industrialização promovido pela Rede Globo de Televisão no início da década de 1970. Trata-se, portanto, de um clássico absoluto de Janete Clair. *Selva de Pedra*, produzida em 1972, é matéria prima para qualquer estudante e profissional que queira adentrar o universo da comunicação, em todos os aspectos: texto, direção, elenco, trilha sonora, abertura (G1, 2016).

Fig. 12 – Capa do livro *Selva de Pedra*



Fonte: memoriaglobo.com

Selva de Pedra (Fig. 13), de Janete Clair, com direção de Daniel Filho e Walter Avancini, foi exibida, pela primeira vez, em 1972, no período de 10 de abril de 1972 a 23 de janeiro de 1973. A novela, que apresentou 243 capítulos, obteve um enorme sucesso, alcançando a maior audiência, até aquele período, da história da televisão brasileira. Seu enredo tratava do “[...] homem em conflito entre o ser e o ter, exposto ao desenvolvimento desordenado das megalópoles, tentando equilibrar-se entre os bens espirituais e materiais” (GLOBO, 2007, p. 8). Essas forças duais eram representadas por Cristiano Vilhena, Simone e Fernanda, na telenovela. Para a atuação desses personagens, foram escalados os atores: Francisco Cuoco, Regina Duarte e Dina Sfat, respectivamente.

Fig. 13 – Capa do DVD *Selva de Pedra*

Fonte: memoriaglobo.com

Para escrever sua novela, Janete Clair buscou inspiração em duas fontes. A primeira foi uma notícia veiculada em um jornal, que expunha o caso, ocorrido em Pernambuco, de jovem tocador de bumbo que havia matado um rapaz, pois este o teria humilhado (MEMÓRIA, 2016). A segunda, o romance *Uma tragédia americana*, do escritor americano Theodore Dreiser. Clair cria “[...] uma novela absolutamente comprometida com o modernismo emergente no país de então. Estamos em pelo milagre econômico promovido pela ditadura militar, e a novela reflete este peculiar momento” (GLOBO, 2007, p. 8).

Além de refletir na tela o momento que era vivido no Brasil, ou seja, a Ditadura militar, a novela de Janete Clair sofre com a censura. Assim, ela tem diversos capítulos e cenas censurados. Os censores eliminam cenas de lesbianismo e cenas em que as personagens aparecessem excessivamente sensuais (CENSURA, 2016). Além disso, em virtude da violência e do seu conteúdo, considerados inadequados para menores de 16 anos, os censores reclassificam a novela, que passava no horário das 20h, para as 22h.

Na Fig. 14, temos a pasta da novela *Selva de Pedra* (Fig. 15), que diversas vezes foi notificada pela censura, a fim de que fosse reescrita ou cortada alguma cena ou algum capítulo. Ainda em relação à censura sofrida pela novela, Alexandre Tadeu dos Santos (2010, p. 25) comenta:

Janete Clair, responsável por 10 (63%) das 16 novelas produzidas para o horário das 20 horas na década de 1970, também sofreu forte interferência do regime autoritário em suas obras, dentre as quais destacam-se *Selva de Pedra* (Globo, 1972), em que a censura federal proibiu que o personagem Cristiano Vilhena (Francisco Cuoco) se casasse com Fernanda (Dina Sfat) depois que sua mulher Simone (Regina Duarte) fosse dada como morta, entendendo que

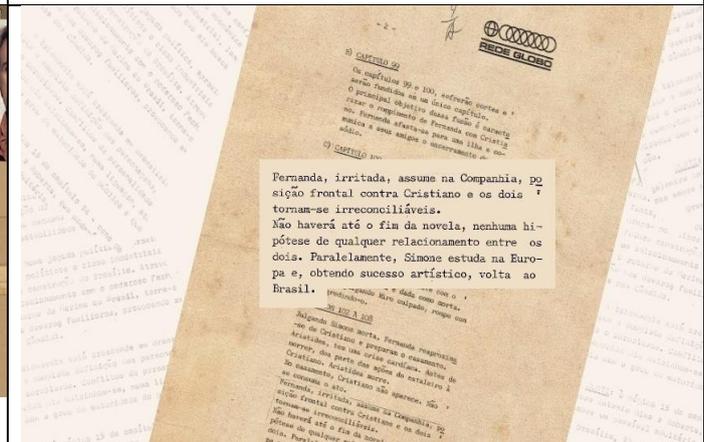
a personagem continuava viva, acabando por configurar crime de bigamia (SANTOS, 2010, p. 25).

Sobre a censura da suposta “bigamia”, na Fig. 15, vemos um ofício da Rede Globo, direcionado aos censores, informando que, até o final da trama, não haverá qualquer relacionamento entre Cristiano e Fernanda.

Fig. 14 – Pasta da novela *Selva de Pedra* na Censura



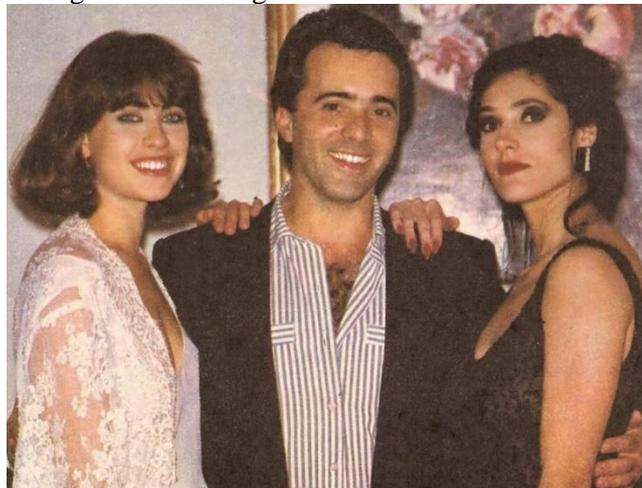
Fig. 15 – Ofício da Rede Globo à censura



Fonte: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/12/13/veja-os-arquivos-da-censura-as-novelas-durante-a-ditadura-militar.htm?abrefoto=3#fotoNav=16>

Devido ao grande sucesso que a novela conquistou, quatorze anos depois, mais precisamente entre 24 de fevereiro e 22 de agosto de 1986, a TV Globo colocou no ar um remake de *Selva de pedra*, que foi escrito por Regina Braga e Eloy Araújo. Nesse novo folhetim, o trio formado por Cristiano Vilhena, Simone e Fernanda é protagonizado por Tony Ramos, Fernanda Torres e Christiane Torloni.

Fig. 16 – Personagens da novela *Selva de Pedra*



Fonte: memoriaglobo.com

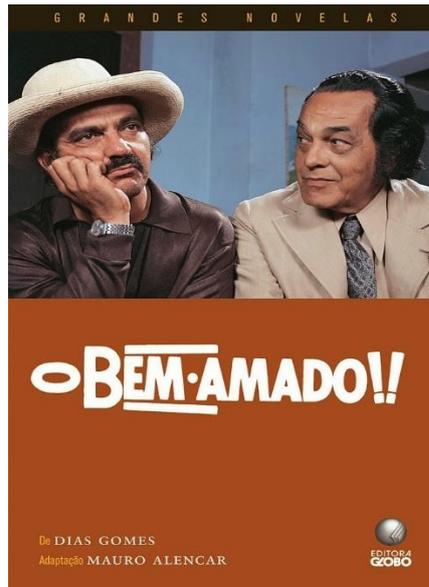
Como aconteceu com a primeira versão, a segunda também foi alvo da censura, que criticou cenas de lesbianismo entre duas personagens. De acordo com Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (2013, p. 54), a direção de Walter Avancini “[...] foi criticado pela censura, que ordenou a supressão de cenas inteiras, pela Rede Globo, pelo viúvo de Janete Clair, Dias Gomes, e pelos abaixo-assinados que chegavam à emissora”. Após o *remake*, quase dez anos depois, um compacto da novela foi exibido entre agosto e novembro de 1975, substituindo *Roque Santeiro*, que havia sido proibida pela censura.

Selva de Pedra alcança então, índices de boa audiência e as cenas protagonizadas em sua segunda versão (1986) ganham lugar na vida dos telespectadores daquela época, sendo importante relembrar o papel marcante da vilã Fernanda, vivida, respectivamente, pelas respectivas atrizes da Rede Globo de televisão: Dina Sfat e Christiane Torloni. Esta última afirma que a personagem “Fernanda”, da novela Selva de Pedra (1996) foi um divisor de águas em sua brilhante carreira.

A novela *O Bem-amado*, exibida no período de 22 de janeiro de 1973 a 03 de outubro de 1973, é uma adaptação de Dias Gomes de sua peça *Odorico, O Bem-Amado e Os Mistérios do Amor e da Morte* (1962), a novela criticava o Brasil do regime militar, satirizando o cotidiano de uma cidade fictícia no litoral baiano e a figura dos chamados coronéis – políticos e fazendeiros que exerciam autoridade sobre a população local e agiam com força, falta de escrúpulos e demagogia para se perpetuar no poder. Foi a primeira telenovela em cores da televisão brasileira.

Vale ressaltar a personagem (Telminha) vivida pela saudosa atriz Sandra Bréa, que, na época, vivia uma moça à frente do seu tempo, o que fez com que a atriz se consagrasse nessa novela como uma atriz revelação. Em uma de suas entrevistas, a atriz apontava a personagem Telminha como uma das melhores personagens em sua trajetória televisiva, e ter feito a filha do prefeito Odorico Paraguassu, vivido pelo saudoso Paulo Gracindo, foi um presente de Dias Gomes.

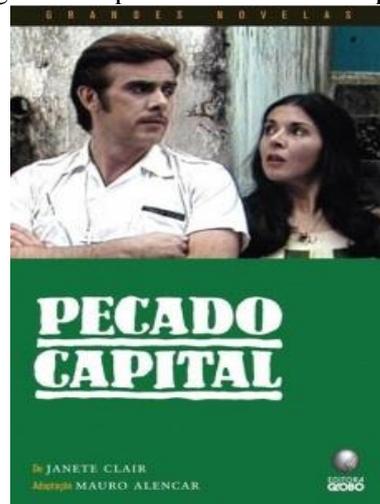
Fig. 17 – Capa do livro *O bem-amado*



Fonte: memoriaglobo.com

A novela *Pecado Capital*, de Janete Clair, foi exibida no período de 24 de novembro de 1975 a 04 de junho de 1976. Tudo começa com uma mala esquecida no banco de trás de um taxista, acontece que não é uma mala qualquer, é uma mala cheia de dinheiro. A personagem de ambas as tramas é Carlão interpretado pelos respectivos atores Francisco Cuôco e Eduardo Moscovis. A primeira versão foi ao ar em 1975 com os personagens principais: Carlão e Lucinha vividos por Francisco Cuoco e Beth Faria. Mais tarde o folhetim ganha um remake, dessa vez interpretados por Eduardo Moscovis e Carolina Ferraz, no ano de 1998, onde PecadoCapital supera os índices de audiência.

Fig. 18 – Capa do livro Pecado Capital



Fonte: memoriaglobo.com

Um amor bastante conturbado é a relação de Carlão e Lucinha, quando o que parecia um “ mar de rosas “ se torna uma “ cama de espinhos”. Carlão e Lucinha é um verdadeiro, digamos assim , “cão e gato , muitas decepções, encontros e desencontros , verdades e mentiras , sorrisos e lágrimas , quando na verdade com o desenrolar da trama o amor entre Carlão e Lucinha fala mais alto. A trama ainda contou com uma abertura de ser um colírio para os olhos onde “dinheiro voando para todo lado “ e a música fazia jus ao tema da novela .

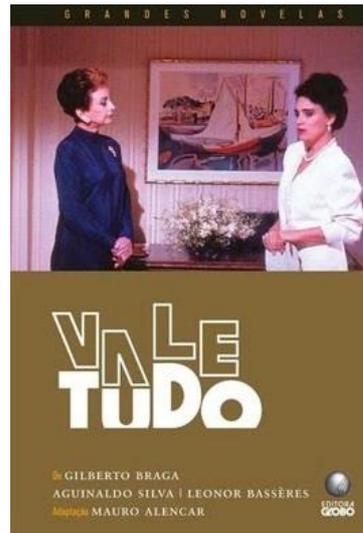
Dinheiro na mão é vendaval, é vendaval ...nas mãos de um sonhador, de um sonhador ... mais ou menos isso aí dizia a música de abertura tanto da versão original como do remake da novela no horário das dezoito horas .A história é bastante marcada por conflitos familiares ,amores impossíveis e até mesmo uma triste tragédia no último capítulo da trama de Janete Clair e Glória Peres nos anos de 1975 e 1998.

Foi de extrema importância a novela na vida de milhares de telespectadores, a qual nomes de diversos atores e atrizes consagrados estavam confirmados no elenco da história como por exemplo; Paloma Duarte, Vera Fischer, Cássia Kiss, Lima Duarte, Marco Ricca, Alexandre Borges , dentre outros.

A novela Pecado Capital mostrou até que ponto os valores lealdade e honestidade são esquecidos quando o dinheiro está ao dispor do indivíduo-cidadão, de forma incorreta. E até hoje a abertura da novela está no inconsciente dos telespectadores daquela época.

A novela *Vale Tudo*, de Gilberto Braga, criada em uma época bem crítica do nosso País é uma obra que tem a participação de escritores como : Aguinaldo Silva e Leonor Basséres Um texto bem crítico, que tem uma visão a olho nu de uma sociedade gananciosa, dissimulada e altamente de olho na fortuna. *Vale Tudo* conta ainda vários temas relacionados a vida cotidiana das pessoas, como por exemplo: o Preconceito-discriminação racial, homofobia ,alcoolismo, lavagem de dinheiro, falta de amor próprio , e também a corrupção política.

Fig. 19 – Capa do livro *Vale Tudo*



Fonte: memoriaglobo.com

Vale lembrar quanto a esse último tema citado acima, no último capítulo da novela quando a personagem “Marco Aurélio “, vivido pelo ator Reginaldo Faria, depois de aprontar muito na trama, no que diz respeito à política, quando entra no avião dá uma “banana para o Brasil”. Claro que o cenário tinha que ser o nosso País, no fim da década de 1980, exatamente no ano de 1988, onde o que mais o autor abordou foi a questão da honestidade do brasileiro.

Para essa abordagem, nada melhor do que a teoria de Rousseau “...que pregava que o homem em sua essência era bom, a sociedade é que o corrompia, chegava –se cada vez mais à conclusão de que o famoso “jeitinho brasileiro” tinha vencido a guerra contra os valores éticos . O autor da trama das vinte horas da Rede Globo de Televisão “ GILBERTO BRAGA “ foi muito inteligente quando prestes ao final da trama coloca o povo brasileiro para pensar e depois apontar a sua “ carta “ para a seguinte pergunta: “Quem matou Odete Roitman ?”

Gilberto Braga, o autor fez questão de deixar essa indagação até o último capítulo da trama, quando em toda casa, em toda mesa de bar, em toda roda de amigos o suspense norteava a cabeça de milhões e milhões de brasileiros, a fim de descobrir a identidade do verdadeiro assassino da megera mais odiada nos últimos vinte três anos de Rede Globo.

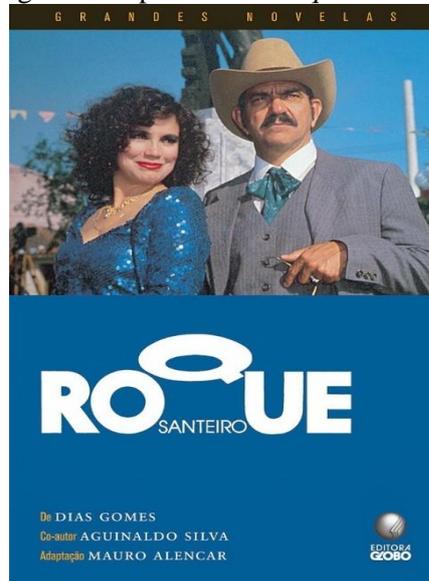
Há algum tempo atrás, em uma entrevista com a atriz que deu vida a personagem de Odete Roitman, a atriz Beatriz Segall, disse em tom emocionado que até hoje Odete Roitman é o divisor de águas em sua carreira. Sem esquecer de falar na brilhante abertura da novela com a emocionante música “Brasil “de Cazuza cantada por Gal Costa, que” rivalizava com as imagens de um país de belos cenários”. Gilberto Braga não mediu esforços para escrever de maneira magistral a novela *Vale Tudo* e com isso mostrar mais uma vez que nem sempre o mal vence o bem, embora o que não faltou nessa trama foi atos de maldade e vilania. Sem esquecer

também que o autor começou a escrever a trama a partir de uma conversa na sala de sua casa, entre parentes e amigos em um domingo qualquer. Gilberto Braga apostou todas as suas fichas em poder levar ao ar uma novela que retratasse da melhor maneira, a atual realidade em que o país passava naquela época.

3.2 *Roque Santeiro*

A telenovela *Roque Santeiro* (Fig. XX), é uma adaptação da peça de teatro intitulada *O Berço do Herói*, de Dias Gomes. O autor/adaptador teve como co-autor Aguinaldo Silva. A novela teve percurso um pouco diferenciado de outras tantas telenovelas que a sucederam. A peça estava com data marcada para apresentação em 1965, num contexto histórico em que a ditadura militar e a censura se sobressaíram por um governo autoritário, através do qual os direitos individuais eram suprimidos, restringidos.

Fig. 20 – Capa do livro *Roque Santeiro*



Fonte: memoriaglobo.com

A narrativa ocorre no período da Segunda Guerra Mundial. Roque retorna à Asa Branca quinze anos depois do final da guerra, quando o governo concedeu anistia aos desertores. Porém, o autor Dias Gomes utiliza esse tempo passado, referir ao tempo em que o livro foi escrito, “na ditadura militar da década de 60. Por falar de um herói militar, Dias Gomes tentou criticar o comportamento das Forças Armadas e só pôde fazer isso através de

uma história fictícia, deslocada do tempo real, ao qual ele se referia”. Conforme artigo *Roque Santeiro ou O Berço do Herói* - Os personagens da Trama são:

CABO ROQUE: Natural de Asa Branca, foi convocado a participar da Segunda Guerra Mundial, contra os nazistas. No meio da guerra, fugiu e se refugiou cerca de 15 anos na Europa. Antes de ir para a guerra, porém, prometeu à Mocinha que voltaria para buscá-la. Anos depois, quando os desertores receberam anistia do governo, voltou para ver Mocinha e encontrou sua estátua na praça e percebeu que tinha se transformado em herói devido a uma confusão. Sua fuga foi interpretada como um ato de coragem e ele foi tido por toda a cidade como herói de guerra morto.

O autor descreve o personagem Florindo Abelha, de maneira a destacar nele as diversas façanhas que políticos da vida real são capazes de construir estabelecer-se como ricos empresários, sem ética - moral, com conceitos de lealdade e respeito deturpados: “FLORINDO ABELHA: Prefeito de Asa Branca, sem personalidade, é o homem de confiança de Chico Malta, pois depende de seu prestígio e se submete a ele. Tenta ser um administrador moderno, mas não manda em nada”.

Em 1975, *Roque Santeiro* teve uma versão proibida, protagonizada por Betty Faria(Porcina), Lima Duarte (Sinhozinho Malta) e Francisco Cuoco (Roque Santeiro). Já haviam sido gravados 30 capítulos da novela quando a Censura Federal percebeu que se tratava de uma adaptação do texto teatral, vetado anteriormente, *O Berço do Herói*, escrito por Dias Gomes em 1963. Para preencher o buraco na programação, foi exibida uma reprise compacta de *Selva de Pedra* (1972), de Janete Clair, posteriormente substituída por *Pecado Capital* (1975), da mesma autora.

A versão de 1985 de *Roque Santeiro* era praticamente a mesma que havia sido censurada em 1975. Quase nenhum personagem novo foi introduzido, e a trama central da história se manteve idêntica, com poucas adaptações. Na nova versão, Asa Branca deixou de ser apenas uma cidade do interior da Bahia para representar uma mistura de várias regiões brasileiras.

Roque Santeiro, com sua audiência entrou para a galeria das melhores telenovelas da Rede Globo de televisão. Certa vez, quando perguntaram à atriz Regina Duarte se tem algum personagem que ela guarda com carinho em sua carreira televisiva, ela aponta a personagem viúva Porcina como sendo a principal e a mais querida pelo gosto popular brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, observando toda a trajetória pela qual passamos, ao discorrer sobre as afinidades que a telenovela estabeleceu e estabelece com a literatura, com a sociedade (brasileira) e com a maneira que o homem institui suas relações, percebemo-nos como muito mais que pesquisadores, mas, éramos telespectadores. A evolução dos teledramas semanais para um momento de apresentação diária de capítulos, a grandiosidade das temáticas diversas abordadas, as fontes, cada vez mais ricas, das tramas novelísticas, baseadas na literatura e na sociedade, de um modo geral, foram aumentando o nosso fascínio pelo tema pesquisado.

Durante a pesquisa, os livros, as revistas, os jornais, os reprises e programas disponível de formas digital e na *web* e, de modo especial, as próprias telenovelas foram formando, ao poucos, uma “novela” composta por grandes diretores, escritores, atores e atrizes como um imenso repertório que projetou um panorama que nos auxiliou a entender, não apenas a estreita relação que há entre a literatura e a telenovela, mas, o que é a TV brasileira no mundo.

Assumindo a posição de espectador/pesquisador, empreendemos uma análise como o intuito de discernir as dimensões ficcionais da adaptação entre textos literários e texto novelísticos. Percebemos que os meandros constituídos por personagens variadas; pela oscilação entre real da realidade e o real ficcional; e pelo enredo, constituído de histórias que rompem o limite dos séculos e dos espaços representados, são elementos que permeiam tanto a tela quanto os livros, o que nos permite dizer que a relação entre o literário e o audiovisual está além da “mera” relação da adaptação.

Compreendermos, também, a importância do espectador tanto no processo de consolidação da telenovela em âmbito nacional como na boa repercussão dos textos adaptados. O telespectador é o responsável por mostra que as adaptações literárias televisionadas ultrapassam o estado de uma simples tendência ou modismo, ou mesmo a falta de repertório de temas e tramas. Ele mostra que ambos, novela e literatura, ora tratando dos problemas sociais, das grandes transformações políticas e religiosas, ora falando, simplesmente, do indivíduo e da sua vida cotidiana, são importantes para o entretenimento; para a comunicação e realização de debates; para a crítica e a exaltação de valores; e para, igualmente, contribuir para formação do cidadão e da sociedade.

Prova da importância dessa importância está no fato de a literatura e novela serem, internacionalmente, formas de reconhecimento do que é nação brasileira. Por isso, não é

estranho verificar as longas programações de novelas nos canais de TV brasileiros e a recente adesão ao gênero por canais que, antes, não o tinham como forma de atração do seus telespectadores.

Essa pesquisa evidenciou, por sim, que, da mesma forma que a matéria escrita e a audiovisual estão próximas, essas formas de arte estão conectadas, de maneira indissociável, a vida dos seus leitores e “teleleitores”. Esperamos que a nossa pesquisa tenha servido como estímulo para outras pesquisa sobre o gênero telenovela e como uma forma de renovar a imagem, muitas vezes, tão pejorativa a ele atribuída.

Capítulo final

Sou uma *Fera Ferida* e este é um *Sonho Meu*, escrever-te essa história olhando você *Olho no Olho* e para escrever essa história passei por *Terras do Sem Fim*, onde até pela *Selva de Pedra* eu passei.

Para encontrar *O Mapa da Mina*, não fiquei sozinho, contei com a colaboração da minha parceira de longo caminhada *Escrava Isaura* e lógico também primeiramente com a “benção” de *O Dono do Mundo*.

Comecei meu mundo de pesquisa lá na minha infância assistindo *A Gata Comeu*, tendo sempre um *Bambolê*, para brincar e um pedaço de um doce chamado *Marrom Glacê* para comer que, quando acabasse de comer aquele delicioso *Feijão Maravilha*, preparado por *Dona Xepa*.

Fico imaginando como era boa aquela época quando *Éramos Seis*, eu e meus três *Irmãos Coragem*, todos unidos em verdadeiros *Laços de Família*. Isso foi de extrema valia, pois sempre tivemos o apoio e a força do nosso *Pai Herói* e também da nossa *Força de um Desejo* para vencer o *Anjo Mau* e terminar a nossa história de vida sendo *A Favorita*.

Fica difícil até terminar a nossa História da pesquisa, pois *Deus nos Acuda* com tantas novelas a serem estudadas, onde na nossa sociedade o que governa é o *Pecado Capital*, pois quando estão *Cara a Cara* com o “poder”, *Vale Tudo*, pois como sempre o *Final Feliz* do meu trabalho, *Você Decide!*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Literatura, cinema e televisão. In: PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac: Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 115.

BRAGA, Gilberto; SILVA, Aguinaldo; BASSÈRES, Leonor. *Vale tudo*. Adaptação de Mauro Alencar. São Paulo: Globo, 2008. (Grandes novelas).

CASSIANO, Fabrício Barbosa; MARQUES, Márcia Gomes. Telenovelas e obras literárias: o aproveitamento e a adaptação na construção dos personagens nas telenovelas de época.

CLAIR, Janete *Selva de Pedra*. Adaptação de Mauro Alencar. São Paulo: Globo, 2007. (Grandes novelas).

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

GOMES, Dias. *Roque Santeiro*. Adaptação de Mauro Alencar. São Paulo: Globo, 2008. (Grandes novelas).

GUIMARÃES, Hélio. Diluindo as fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando A (Coord.) e SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JOHNSON, Randal. Romance e filme. In: _____. *Literatura e cinema – Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo*. Tradução de Aparecida de Godoy Johnson. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p. 5-39.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Erotismo sob censura na imprensa brasileira (1985-1990), *Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 46-61 Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MARQUES, Darciele Paula; LOPES, Iuri Garcia; LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. Percursos e características da telenovela brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8, 2011, Guarapuava-PR. Anais... Guarapuava-PR: Unicentro, 2011. p. 1-12.

MOREIRA, Lúcia Correia M. de M. Narrativas literárias e narrativas audiovisuais. In: *Narrativas ficcionais: da literatura às mídias audiovisuais*. FLORY, Suely Fadul V. (Org.). São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

MÜLLER, Karin. Rede Globo: 26 anos de minisséries. Trabalho apresentado na ALAIC, *GT Telenovela y Ficción Seriada*, 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/telenovela/ponencias/GT22_1MULLER.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

NUNES, Julius. Cenas de um livro: a transposição de trechos do romance **A pedra do reino** para a televisão, *Scripta Alumni*, Curitiba, n. 3, p. 26-48.

OLIVEIRA, Paulo Sampaio Xavier de. *A televisão como “tradutora”*: veredas do grande sertão na Rede Globo. 1999, 357 páginas. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora SENAC; Instituto Itaú Cultural, 2003.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra*: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.

PUHL, Paula. Televisão e literatura: a transcodificação do conteúdo no caso Agosto. Trabalho apresentado no *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM*, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/index.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

RIBEIRO; Rosselini Diniz Barbosa; FRANCA, Vanessa Gomes. Um copo de cólera: o paratexto árabe no roteiro de Aluizio Abranches. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista (Org.) *Percurso da Narrativa brasileira contemporânea: coletânea de ensaios*. João Pessoa: Realize Editora, 2009.

SILVA, Danyelle Marques F. da. Dom Casmurro e “Capitu”, a obra literária virou minissérie. In: *Seminário Nacional de Literatura, História e Memória*. São Paulo, 2009.

SOUZA, Thaísa Zillmann de. GRIMM: dos contos de fadas para a televisão. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social da UFJF, Juiz de Fora, 2014.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac; Instituto Cultural, 2003. p. 61-89.